



O GOLEIRO E A FADA DE BATOM

2ª edição

LUIZ ANTONIO AGUIAR

Capa:
Jorge Eduardo Fantucci

Ilustrações:
Roberto Barbosa

Conforme a nova ortografia

The logo for "Atual Editora" is located at the bottom of the page. It consists of a stylized icon of a flower or leaf with four petals, followed by the word "Atual" in a bold, sans-serif font, and "Editora" in a smaller, sans-serif font below it. The entire logo is set against a grey rectangular background with a torn paper edge at the top.

© Luiz Antonio Aguiar, 2000.

SARAIVA S.A. Livreiros Editores

Rua Henrique Schaumann, 270 — Pinheiros

05413-010 — São Paulo — SP

Fax: (0xx11) 3611-3308 — Fax vendas: (0xx11) 3611-3268

Todos os direitos reservados.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aguiar, Luiz Antonio, 1955 -

O goleiro e a fada de batom / Luiz Antonio Aguiar ; ilustrações José Roberto Barbosa. — São Paulo : Atual, 2000. — (Entre Linhas e Letras)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-0081-7

1. Literatura infantojuvenil I. Barbosa, José Roberto. II. Título. III. Série.

00-0229

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

Coleção: Entre Linhas e Letras

Gerente editorial: Wilson Roberto Gambeta

Editor: Henrique Félix

Assessora editorial: Jacqueline F. de Barros

Coordenadora de preparação de texto: Maria Cecília F. Vannucchi

Revisão de texto: Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.)

Lúcia Leal Ferreira/Célia Regina do N. Camargo

Gerente de arte: Edilson Félix Monteiro

Editor de arte: Celson Scotton

Chefe de arte: Renata Susana Rechberger

Editoração eletrônica: Silvia Regina E. Almeida (coord.)

Colaboradores

Projeto gráfico: Glair Alonso Arruda

Roteiro de leitura e Para você ler e pensar: Veio Libri

Preparação de texto: Cecília Kinker

2ª edição/5ª tiragem, 2014

SAC

0800-0117875

De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30

www.editorasaraiva.com.br/contato

820139.002.005



A LINDA menina de chapeuzinho vermelho, aquela da boca pintada com um batom mais vermelho ainda, chegou na cabana, toda inocente, e encontrou deitado na cama de sua avó o Lobo Mau. Ela ficou confusa. Sabia que aquela não era sua avó. Era alguém com olhos grandes, arregalados para ela, famintos, com patas peludas, muito fortes, e com dentes afiados, loucos para mordê-la. No entanto, não querendo acreditar no que estava vendo — que alguém, mesmo um lobo, pudesse possuir dentro de si tanta ferocidade —, a menina começou a fazer perguntas ao sr. L. Mau, esperando com isso que alguma bondade o tomasse e que ele, assim, desistisse de matá-la.

Mas, à medida que iam conversando, a menina sentia que iam também crescendo a fúria do Lobo contra ela e a fome dele. Ela já estava se considerando perdida. Rezava apenas para que a morte nas garras do Lobo não doesse muito. Foi então que alguém começou a esmurrar a porta e a berrar do lado de fora.

— Papai! — gritou a menininha, e correu para abrir a porta.

O caçador entrou na cabana, cheio de ódio. Seus olhos estavam ainda mais ameaçadores do que os do Lobo.

– Papai... – gemeu, dessa vez, a menininha, quase implorando.

Mas o caçador não teve pena. Avançou para a menininha e começou a bater nela, a bater e a bater. Batia-lhe com o cinto, com as mãos. Desferia chutes e socos. Já quase sem poder respirar, não aguentando mais a dor das pancadas, a menina, em desespero, conseguiu reunir suas últimas forças para desvencilhar-se do caçador – e jogar-se nos braços do Lobo.

Meu nome é Cristina. Tina. Tenho 13 anos. Quando é que vão me deixar deixar de ser criança?



Eu adivinho quando ela chega. Posso estar no meu quarto, trancado, mas percebo que alguma coisa muda. Alguma coisa para no ar. Eu pressinto. Tento ficar longe dela, mas parece que isso a deixa ainda mais irritada. Ela bate na minha porta, me chama. Eu vou. Preferia ficar no meu quarto, mas acabo indo me sentar junto dela, na sala.

Ela tenta acender o cigarro. Risca o isqueiro várias vezes, desiste, joga o isqueiro longe — eu estremeço —, revira a bolsa tentando achar outro. Não sei por que sempre carrega tantos isqueiros que já não funcionam. Não sei por que carrega tanta coisa na bolsa — ela nunca encontra o que procura. Outro isqueiro que não acende, e ela se levanta impaciente. Vai acender o cigarro na cozinha, volta.

Eu apenas espero. Ela traga o cigarro. Reclama que o cigarro está lhe fazendo mal, tosse, tosse muito, seu rosto fica vermelho, me assusta. Diz que o que mais deseja no mundo é parar de fumar: “Se pelo menos minha vida ajudasse... Se eu tivesse menos preocupações...”. Ela me olha. Sei que está tentando se controlar e sei também que não vai conseguir. “Eu tenho de cuidar de você sozinha! Você sabe disso! Seu pai nem liga! Pega você para jantar de vez em quando, passa

finais de semana fora com você... É muito fácil para ele! Você, para ele, é lazer! Enquanto eu... Eu sou a perversa, não é? Não é isso que você diz para ele?"

Não digo é nada. Eu e meu pai nunca conversamos sobre minha mãe. Ela tem razão, ele não quer saber... dela. Uma vez — uma vez apenas — ele me disse: "Eu ia respirar mais aliviado, se você me dissesse um dia que sua mãe está para se casar de novo, ou que pelo menos está feliz... de bem com a vida! Sabe, Maurício, eu tive de aprender que a gente não consegue fazer ninguém ser capaz de ser feliz. Eu tive de aprender...". E entendi que ele só disse isso tudo para que eu não falasse mais da minha mãe, nunca mais, a não ser quando pudesse dizer que ela estava bem. Pensei em inventar umas mentiras, umas histórias, sobre um namorado dela, um novo emprego, do qual ela não vivesse se queixando: "Sabe que minha mãe parou de fumar?", eu lhe diria. Mas para quê? Foi por isso (assim, coisa que ficou entendida sem a gente dizer um pro outro) que firmamos um acordo. Não falamos sobre minha mãe, eu nem tinha o que lhe dizer sobre ela.

Acho que no nosso acordo, meu e do meu pai, entra também não conversar sobre como minha mãe atormenta a minha vida.

Mas minha mãe ia ficar uma fera comigo, se soubesse que a gente não conversa sobre ela. Que a gente simplesmente não fala dela.

Ela não sabe desse acordo. É outro segredo. Como o da doutora Amélia. Meu pai sabe da doutora Amélia, mas não pergunta o que eu faço lá... Uma vez, ele disse: "Todo garoto na sua idade precisa de... orientação vocacional...". Foi outro acordo entre a gente. Para ele, eu fico recebendo orientação vocacional com a doutora Amélia. Nada mais.

Minha mãe me olha. Ela sabe que estou pensando coisas que não quero lhe dizer. Que não vou lhe dizer. E isso a deixa irritada. Preferia voltar para o meu quarto, mas apenas espero ela começar a fazer as perguntas de sempre. Ela pergunta co-

mo eu estou, como vou no colégio... e, finalmente, por que não estava em casa, quando ela telefonou...

— Eram três horas, você já devia ter chegado do colégio.

Fico olhando para ela, sem responder. Não quero contar. Não posso. Acabo inventando qualquer coisa.

— Você está mentindo para mim! — ela grita, e amassa o cigarro. Vai acender outro daqui a dois minutos.

Se eu dissesse a verdade, ia ser pior. Tento convencê-la de que ela está imaginando coisas...

— ... como sempre! — digo.

— Você está me chamando de maluca?

Não respondo. Precisava chamar? É só olhar para ela. O jeito como treme. O jeito como fica com raiva. Mas eu tenho vontade de dizer: “É isso, sim! Você é louca! Louca! Me deixa em paz!”.

Ela entende o que eu não digo e se levanta da cadeira.

Vai acontecer...

Ela me dá um tapa na cara, com toda a força. Sinto o rosto arder. Não entendo mais o que ela diz. Ela berra, e chora, e diz que eu torno a vida dela ainda mais difícil. Eu corro para o meu quarto, me tranco. Daqui a pouco, ela virá atrás. Vai se encostar na porta, do lado de fora, chorando mais ainda e pedindo desculpas. Vai se deixar cair no chão e me implorar que abra a porta. E eu vou saber que ela está ali, no chão, arrasada. Vou ter vontade de abrir a porta, para que ela não fique assim. Mas vou ter medo de abrir, também, porque pode começar tudo de novo.

Às vezes, não. Às vezes, para compensar, ela pede uma pizza, pelo telefone, e a gente janta, juntos, ela fazendo de tudo para me agradar. Noutras, quando a pizza chega, já não adianta mais nada. Já aconteceu tudo de novo.

Eu me chamo Maurício. Tenho 13 anos. Sei que sempre, cedo ou tarde, acontece de novo.



— **M**AS do que você tem medo, Tina? — a doutora Amélia me pergunta.

Não sei responder. Aprendi que é muito difícil explicar o medo que a gente sente a uma pessoa que não sente o medo da gente. Aprendi que o medo que eu sinto é uma coisa...

Simplesmente uma coisa.

Uma coisa que eu sinto. O tempo todo. Medo de tudo.

Olho para a porta. Sinto medo de que ela se abra de repente e alguém descubra o que estou conversando com a doutora Amélia. Sinto medo de que o relógio em cima da mesa dela esteja marcando o final da consulta e que eu precise sair. Aqui dentro é o único lugar onde esqueço o medo, quer dizer...

— ... um lugar onde você não tem medo do medo que você sente? — ela sugere. — Um lugar onde você consegue pensar sobre esse medo?

É mais ou menos isso. Mas esqueço também o medo de que meu pai machuque meu rosto, quando ele me espanca, e que eu precise sair pela rua marcada, com olho roxo, um rasgão no supercílio, coisa assim, e que todo o mundo me olhe, e que adivinhem, todos, o que aconteceu.